



Caravelas

Nota

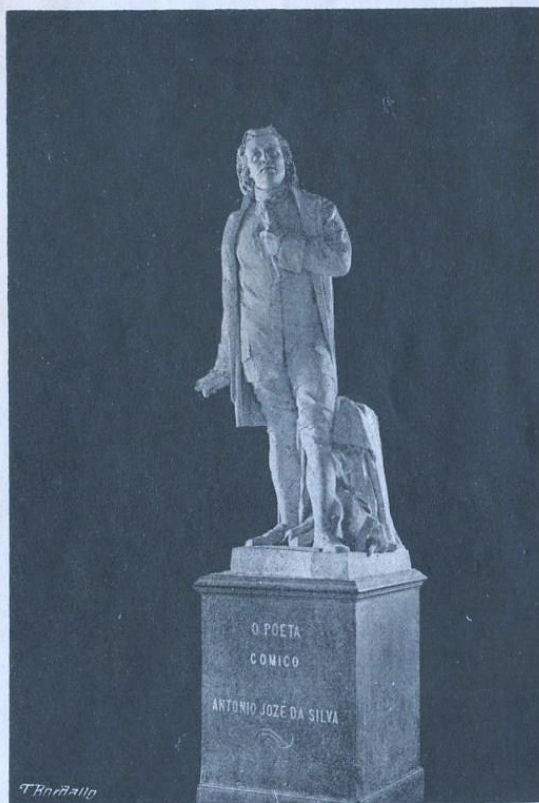
Esta edição de Teófilo Braga, publicada no ano da Revolução Republicana, em Portugal, e hoje em dia difícil de se encontrar, reflete muito claramente a época em que foi redigida. Trata-se, por um lado, de um texto profundamente anti-clérigo, tornando o dramaturgo luso-brasileiro António José da Silva num herói, por ter sido vítima da Inquisição – levando para o extremo uma perspectiva herdada do Romantismo do século anterior. Por outro lado, tal como todos nesse tempo, Teófilo Braga estava completamente enganado acerca do aspeto musical das óperas do objeto do seu estudo. Acreditava que a música era constituída por modinhas, enquanto não há evidência concreta pela existência deste género em Portugal antes da década de 1770. Em 1910, não se tinha conhecimento do envolvimento de António Teixeira na composição da música de grande parte, senão de todas as oito óperas de António José.

Hoje em dia seria importante também distinguir claramente entre a vida e morte da pessoa, por um lado, e a carreira do profissional, por outro. Não só não é correto “politicamente” referir constantemente o dramaturgo como “O Judeu”, mas cria igualmente uma associação entre o “coitado” da vítima da Inquisição e o escritor, como se este precisasse de uma desculpa para poder ter alguma consideração. Teófilo Braga caiu nesta armadilha. Pelo contrário, deve-se afirmar e assumir que António José da Silva foi um dramaturgo genial por si só – único no seu lugar entre Gil Vicente e Almeida Garrett.

O texto aqui reproduzido, apesar das problemáticas aqui levantadas, não deixa, por isso, de ser um clássico sobre o dramaturgo, sendo esta a justificação pela sua reprodução, entre os “textos breves” do Núcleo Caravelas.

David Cranmer
Lisboa, 5 de maio de 2013





Estatua do poeta judeu
no Salão do Theatro de S. Pedro d'Alcantara,
no Rio de Janeiro

O MARTYR
DA
INQUISIÇÃO PORTUGUEZA
ANTONIO JOSÉ DA SILVA
(O Judeu)

O MARTYR
DA
INQUISIÇÃO PORTUGUEZA
ANTONIO JOSÉ DA SILVA

(O Judeu)

POR
THEOPHILO BRAGA



LISBOA
Publicação da JUNTA LIBERAL

—
1910

Imprensa Libanio da Silva, Travessa do Fala-Só, 24 — Lisboa

Vida íntima de Antonio José da Silva, tirada do processo do Santo Officio. — Influência das Operas italianas na forma das suas Comedias. — Operas no reinado de D. João V, de 1712 a 1735. — Elemento lyrico nacional das «Modinhas», aproveitado por Antonio José. — Origem popular da Opera «Vida de D. Quixote». — Como Antonio José descreve a falta da noção de Justiça no seu seculo. — Combate o ergotismo e as Theses monasticas na Opera «Esopaida». — A sensualidade de Dom João V, symbolisada no Jupiter da Opera Amphitryão. — Grito da natureza e protesto contra a prepotencia fanatica. — A sociedade elegante de Lisboa e as «Guerras do Alecrim e Mangerona» — O fidalgo pobre e os medicos. — Descripção dos martyrios e torturas moraes que Antonio José soffreu na Inquisição. — O Cavalheiro de Oliveira. — O espirito religioso condemnou a escola de Antonio José.

Antonio José da Silva, mais conhecido na tradição popular pelo nome de Judeu, representa na historia do Theatro portuguez o primeiro esforço para levantar a comedia da estreiteza acanhada dos divertimentos dos bonifrates, e fazel-a competir com a magnificencia da Opera italiana, que explorava o genio perdulario de Dom João V. Era uma empresa audaciosa no reinado aterrador do Santo Officio; Antonio José sabia fazer rir a multidão, e por esse facto tornou-se criminoso: a gargalhada acordava o povo do medonho pezadello dos inquizidores, e estes entenderam que merecia a morte aquelle que ousava distrahir as imaginações do assombro funereo dos Autos de Fé. Era preciso procurar-lhe um crime, inventar um pretexto para descarregar sobre o poeta a espada flammejante do fanatismo, vingar sobre elle a divida em aberto deixada por Gil Vicente. As comedias de Antonio José só podem ser bem comprehendidas conhecendo-se a sua vida íntima; a sua naturalidade influu poderosamente na revolução que

encetou, no modo como introduziu no theatro o elemento lyrico nacional chamado a *Modinha*. A' desgraça d'este poeta devemos hoje o conhecer todas as circumstancias da sua vida, exarada nos processos do Santo Officio, que desde 1821 se acham recolhidos no archive da Torre do Tombo. A morte d'este homem é a mais cruenta violação da justiça em nome de Deus; é o grito eterno da victima arremçada á força ao ventre de Moloch; é a pagina negra do evangelho e um argumento solemne para o *atheismo*.

Antonio José da Silva nasceu na cidade do Rio de Janeiro, de uma familia de antigos judeus baptizados á força e mandados colonisar as novas descobertas de alem-mar; foram seus paes o advogado João Mendes da Silva e Dona Lourença Coutinho; viu a luz a 8 de Maio de 1705. Eram seus avós paternos André Mendes da Silva e Maria de..., nados em Portugal e fallecidos no Brazil; pelo lado materno era seu avô Balthazar Rodrigues Coutinho, natural de Lisboa, egualmente fallecido no Brazil. Antonio José teve dois irmãos, como se póde inferir, mais velhos do que elle, André, que em 1726 era solteiro, e Balthazar Mendes, que era casado com Antonia Maria de quem tinha já um filho. Eram seus tios paternos Bernardo Mendes, christão novo, André e Luiz Mendes, naturaes do Rio de Janeiro, tendo já a este tempo fallecido o ultimo em Lisboa; eram suas tias Apolonia de Souza, Josepha da Silva, Izabel Corrêa e Anna Henriques. Pelo lado materno eram seus tios o medico Diogo Cardoso, Manuel Cardoso, Izabel Cardosa, Branca Maria, Maria Coutinho, Jeronyma e Francisca Coutinho. Não citamos aqui os primos, mas de todos estes reza o processo que estiveram presos na Inquisição, á excepção de André Mendes, seu tio paterno, e de Jeronyma, sua tia materna. Este facto nos dá a entender que a familia e parentella de Antonio José era rica, porque era composta de advogados, medicos, negociantes, e de outros que não tinham officio, em razão da sua abastança. Isto explica a razão por que foram sempre perseguidos pelo Santo Officio, que em 1726 dizia de seus tios maternos, Diogo Cardoso e Manuel Cardoso, que «moraram em Lisboa, mas ausentaram-se não se sabe para onde.» A todos estes precedentes accrescentava Antonio José da Silva o mau sestro de ter talento, crime imperdoavel em todo o que não fosse tonsurado.

Vivia Antonio José descuidado e ainda nos brincos da infancia, com sete annos de idade, quando a 10 de Outubro de 1712 entraram os familiares do Santo Officio em sua casa para prenderem Lourença Coutinho, sua mãe, por culpa de judaismo. Se nos lembrarmos que, no tempo que o governo hespanhol andava em guerra nos Paizes Baixos, manteve no interior a paz á custa das atrocidades do Queimadeiro, facilmente se explica a repentina perseguição que acabava de cair sobre os chamados christãos novos, que com o seu genio industrial exploravam as riquezas do Brazil. O governo portuguez, dirigido pelos inquisidores, quiz fazer sentir o rigor da sua auctoridade, dispersando as pobres familias que para ali arrojava tempos antes, e não deixando pelo terror que germinasse a minima ideia de independencia.

..... Talvez ainda no anno de 1712, ou mais naturalmente no principio de 1713, Lourença Coutinha veio remettida para os carcereiros da Inquisição de Lisboa, d'onde saiu penitenciada no Auto de Fé de 9 de Julho d'este mesmo anno. O advogado João Mendes da Silva viu-se d'este modo forçado a mudar-se com sua familia para Lisboa, sujeitando-se ás eventualidades de um julgamento secreto.

Depois de toda esta immensa perturbação, Lourença Coutinho, segundo a terminologia inquisitorial, saiu *reconciliada*. O processo declara que Antonio José veio para Lisboa com 8 annos de idade, portanto em 1713; seu pae continuou a exercer a profissão de advogado, tendo em sua companhia os outros dois filhos, André e Balthazar, que estava casado com Antonia Maria, tambem fluiense, de quem tinha já um filho em 1726. Os primeiros annos da vida de Antonio José decorreram sob a pressão d'estes grandes terrores, e isto explica a feição do seu genio comico, filho do instincto de revolta, que provoca a macaqueação, o sarcasmo e a parodia.

Depois da permanencia em Lisboa, decorreram treze annos sempre em sobresaltos á espera que das trevas saísse a guerra diabolica do Santo Officio para levar de uma vez para sempre a alegria d'esta familia. Dentro d'este periodo começou Antonio José a frequentar os estudos em Coimbra. De repente, é pela segunda vez presa sua mãe, e entregue aos carcereiros do Santo Officio a 8 de Agosto de

1726; d'esta vez a ordem infernal comprehendeu tambem o pobre Antonio José, que apenas contava vinte e um annos, e frequentava Coimbra, aonde teria por maximo crime escripto alguns versos.

A ordem que o mandava prender pela primeira vez era datada de 7 de Agosto de 1726, sendo agarrado pelo Conde de Villar Mayor, que o entregou ao alcaide Fernando Cardoso. Foi-lhe nomeado para curador o beneficiado Philippe Nery, no mesmo dia da prisão. A 16 de Agosto começou o interrogatorio pelo Inquisidor João Alves Soares, que enctou as suas perguntas obrigando-o a que confessasse os bens de raiz que possuia! Ou a cultura que alcançara em Coimbra ou o seu genio malicioso e ironico fez com que Antonio José se eximisse a tão infame pergunta, respondendo que era filho familia, e que apenas possuia a roupa de seu uso. No processo apparecem frivolidades em que fundamentam o crime de judaismo; allegam os inquisidores por confissões extorquidas na tortura que Antonio José fôra em 1721 induzido por sua tia, Dona Esperança, viuva de Diogo de Montarroyo, para seguir a lei de Moysés, desculpando-o d'este modo d'elle ter querido seduzir uma criada; que ouvindo o prégador no Convento de Sam Domingos, em junho de 1726, se arrependera e voltára ao christianismo; finalmente accusavam-n'o de ter relações com seu primo João Thomaz, estudante de medicina, e com a irmã d'elle, Brites Eugenia; e até com os seus proprios irmãos André e Balthazar. Todas estas pessoas se achavam egualmente prezas: João Thomaz fôra prezo no primeiro de Agosto, Balthazar Rodrigues a 22 do mesmo mez; no libello passado a 22 de Agosto é Antonio José declarado apostata, hereje, fieto, falso, confitente, diminuto e impenitente, incorrendo em pena de excommunhão maior, e confiscação de todos os seus bens. A 3 de Setembro é forçado a novas confissões; a 4 de Setembro o Promotor requer para que se lhe dê conhecimento das provas das suas culpas; a 7 de Setembro novas confissões; a 9 de Setembro requer o Procurador notificação ao réo d'outras provas; a 12 de Setembro Antonio José dá contradictas ás testemunhas e declara que o seu delator Luiz Terra Soares é seu inimigo, porque lhe impedira o casar com uma prima sua, pelo defeito de ser filho de um pescador. A 18 de Setembro passou a Inquisição ordem para

que este pobre rapaz de vinte e um annos fosse posto na tortura; ordem infame assignada por João Alvares Soares, Manuel de Almeida Carvalho, Dom Diogo Fernandes de Almeida, João Paes do Amaral, Fr. Domingos de Sam Thomaz, Antonio da Silva Araujo, e Dom Francisco de Almeida. Foi posto a tormentos a 23 de Setembro, saindo penitente no Auto de Fé celebrado na egreja de Sam Domingos, a 15 de Outubro de 1726, com a condição de ser doutrinado.

Sua mãe, Dona Lourença Coutinho, continuou a jazer no carcere, transferida, passados dois annos, a 12 de Maio de 1728, para os carceres secretos; a 3 de Setembro de 1729 foi mettida a tormento esperto, saindo penitente no Auto de Fé de 16 de Outubro de 1729.

Foi certamente no intervallo que vae de 1727 a 1733 que Antonio José da Silva fez a sua formatura em Direito na Universidade de Coimbra, vindo depois advogar em Lisboa, no escriptorio de seu pae. A Inquisição continuava a farejar o sangue d'esta desgraçada familia. Antonio José apaixonou-se por sua prima Leonor Maria de Carvalho, natural da Covilhã, que, como elle, tambem andára pelos carceres tenebrosos do Santo Officio, havendo sido presa em Salamanca a 18 de Novembro de 1725, e depois em Valhadolid a 8 de Dezembro do mesmo anno, passada dos carceres medios para os secretos em 29 de Julho de 1726, saindo reconciliada por culpa de judaismo no Auto de Fé celebrado na egreja de S. Pedro de Valhadolid a 26 de Janeiro de 1727, vindo depois solta para o desterro na Villa de Bergudino, a 5 de Setembro de 1727.

Estas circumstancias explicam o amor, nascido mais da compaixão mutua, que levou Antonio José a casar-se com Leonor de Carvalho. No Auto em Castella perdera Leonor sua mãe Anna Henriques, que morreu na fogueira, e o seu desterro foi por oito annos para oito leguas arredadas de Valhadolid.

Seu pae, Simão Carvalho, era negociante estabelecido na Covilhã, onde morreu. Em 1734 voltou Leonor de Carvalho para a Covilhã, e habitava a Fabrica real dos Pannos, com sua irmã Anna; o seu casamento com Antonio José foi entre 1734 e 1735, como se deduz do processo que a dá casada em 1737 havia dois para tres annos. Leonor de Carvalho contava então vinte e dois para vinte

e tres annos de idade, tendo, como se deduz, nascido em 1712.

Antes porem do seu casamento Antonio José começou a escrever para o Theatro; circumstancias fataes despertaram o seu genio dramatico. Influenciado talvez pelos divertimentos escolares na Universidade, aonde os Jesuitas continuavam a representar Tragicomedias, coincidiu a sua vinda para Lisboa pelo tempo em que o Hospital de Todos os Santos, usando ainda o privilegio exclusivo das comedias, despediu o celebre actor Antonio Rodrigues e a sua Companhia, na esperanza de que viria o comico Garcez, com a sua Companhia que era esperada de Valença. Sobre esta intriga escreveu Thomaz Pinto Brandão uma Comedia bastante engraçada.

Garcez não veio, e o theatro portuguez, então occupado por actores hespanhoes, ficou deserto. Os empresarios volveram-se ás antigas collecções de autos do seculo XVII, mas a sua pequenez e falta de acção só se prestavam a ser desempenhadas por bonifrates.

Antes de 1733 escreveu Antonio José a comedia *El Prodigio de Amarante*, *Sam Gonçalo*, *Amor vencido de amor*, *zarzuella epithalamica* nas bodas dos Principes do Brazil, e os *Amantes de escabeche* sob a influencia do theatro hespanhol. Os entremezes da *Musa Jocosa*, de Nuno Nisceno Sutil, misera continuação da *Musa Entretenida*, começaram a ser representados em theatrinhos particulares, e é de crer que estes divertimentos exercessem alguma acção sobre Antonio José; na alludida collecção apparece um *Entremez* de Dom Quixote, assumpto tratado pela primeira vez dramaticamente, e por onde Antonio José da Silva se estreiou no Theatro do Bairro Alto ¹ no mez de Outubro de 1733 com a Opera *Vida do Grande Dom Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pansa*. Alem das causas citadas accrescem mais duas: o conhecimento das operas italianas cantadas nos Paços de Dom João V, e a lembrança das *modinhas* brasileiras, de que Antonio José fez um elemento essencial das suas composições dramaticas. A *modinha* é uma criação musical do genio portuguez, levada

¹ O Theatro do Bairro Alto era situado na rua Formosa, aonde hoje é o Pateo do Conde de Soure.

para o Brazil pelos negociantes e colonos, e d'ali a trouxe na sua inteireza primitiva Antonio José da Silva, que abandonara a patria aos oito annos de idade e achava n'essas cançonetas uma recordação da infancia.

No talento de Antonio José não foi extranha a influencia das Operas italianas, admittidas na côrte por D. João V; pelo seu nascimento Antonio José não podia frequentar o paço real para assistir aos espectaculos novos, mas tinha o Theatro do Largo da Trindade, aonde Pagheti apresentava ao publico bastantes Operas.

Foi esta a primeira vez que a historia de Dom Quixote se tratou em theatro; é possível que Antonio José conhecesse a *Musa Jocosa*, que visse representar este entremez já nos theatros publicos de bonifrates, já em divertimentos particulares. O Entremez era quasi todo cantado, como se vê desde que as damas encantadas apparecem em scena; e termina com um bailado e canto ao mesmo tempo. Antonio José, na sua Opera, deu um grande desenvolvimento a esta parte introduzindo no Theatro o elemento nacional das *Modinhas*.

O pensamento geral seguido por Antonio José é o mesmo do entremez alludido, mas com infinita graça e com novas peripecias que honrariam o proprio Cervantes.

Esta Opera é uma satyra aos costumes do seculo XVIII; o poeta refere se a successos contemporaneos.

Depois de nos orientarmos na realidade, comprehendese esta acre censura aos poetas do principio do seculo XVIII, fradanhões, desembargadores, academicos, que rebaixavam a poesia ás formas convencionaes e ócas com que celebravam as suas publicações, com que panegyricavam os principes, servindo-se d'um vocabulario mythologico sem sentido. Eis a scena: desce a Musa Caliope em uma nuvem, e pede a Dom Quixote que vá ao Parnasso, aonde Apollo «se acha cercado de uns Poetas maledicos que o querem despojar do Throno; e juntamente para reformar a poesia, que se acha quasi arruinada...»

Antonio José presentia o trabalho vão da Arcadia, ou a protecção faustosa e esteril de Dom João V? Logo que

Dom Quixote entra no Parnasso, brada-lhe Apollo: «Que em boa hora venhas, valente Dom Quixote, que só a tua espada me pôde segurar o throno e o bourel: vem, vem a vingar-me d'estes poetasinhos, que sem mais armas que a sua presumpção querem não só competir com o meu plectro, mas ainda intentam despojar-me do Parnasso; e como as armas e as letras são tão fieis companheiras quero-me valer das tuas armas, para a restauração de minha sciencia... Dom Quixote: Diga-me, Senhor Apollo, e como se chamam os poetas que tanto o perseguem? Apollo: Essa é a desgraça, que os poetas que me perseguem não são de nome; e comtudo cada um cuida que é mais do que eu mesmo. Sancho: Senhor, não se meta a brigar com os poetas que são peores que gigantes; veja v. m. que elles trazem um exercito de dez mil Romances, quatro mil Sonetos, duzentas Decimas, oitenta Madrigaes, e um esquadrão de Satyras volantes em Sylva que arranha; veja bem em que se mete.» Sem o saber Antonio José estava acordando odios na alma rancorosa dos tonsurados, que então monopolisavam a poesia. Como Antonio José descreve a justiça n'este seculo do despotismo! Na scena IV da parte segunda da Opera, Sancho explica: «Sabei primeiramente que isto da Justiça é cousa pintada, e que tal mulher não ha no mundo, nem tem carne nem sangue... porém como era necessario haver esta figura no mundo, para meter medo á gente grande, como o papão ás creanças, pintarão uma mulher vestida á tragica, porque toda a Justiça acaba em tragedia; taparão-lhe os olhos, porque dizem que era vesga, e que metia um olho por outro; e como a Justiça havia de sair direita, para não se lhe enxergar esta falta, lhe cobrirão depressa os olhos. «A espada na mão significa que tudo ha de levar á espada, que é o mesmo que a torto e a direito. Os doutores que falam n'esta materia não declarão se era espada, colabrina, loba ou foliga; mas eu, de mim para mim, entendendo que d'esta espada a folha era de papel, os terços de infantaria, os côpos de vidro, a maçã de craveiro e o punho secco; na outra mão tinha uma balança de dois fundos de melancia, como a dos rapazes; não tem fiel nem fiador, mas comtudo dá boa conta de si, porque esta moça se não tem quem a desencaminhe é mui sisuda.» Era assim que o povo comprehendia a justiça depois do despotismo de

Pedro II e de Dom João V; o poeta tinha razão para falar d'este modo depois das immensas desgraças de sua familia começada em 1713 e continuadas em 1726. Esta scena do mais ironico desespero, em que a justiça desce até se confundir na mais crassa materialidade, foi impressa avulso em 1774 com o titulo *O Grande Governador da Ilha dos Lagartos*, popularisando se assim na immensa collecção dos entremezes de cordel. Depois de se conhecerem as desgraças que até aos vinte e um annos de idade Antonio José soffreu no Santo Officio, que verdade se encontra n'este dito do Sancho: «He tal a vontade que tenho de fazer justiça que logo me sobe a cólera uma mão travessa pelo espinhaço acima, de sorte que se não me advertir, que ainda se não tinha dito quem era o delinquente, era eu capaz de mandar enforcar a vós Meirinho, que era a pessoa mais prompta, que aqui tinha á mão de semear.» Depois d'estes gritos da consciencia contra a violação da natureza, como poderia ser a graça, a *vis comica* de Antonio José? Elle tem-n'a em grau altissimo, mas cheia de equívocos, de chulices, de parodias sarcasticas; isto levou-o a inventar a scena que despertava tanto riso em Bocage, aquella em que Dom Quixote imagina que os Encantadores transformaram a sua Dulcinéa em Sancho Pança.¹

Por esta primeira estreia no Theatro do Bairro Alto, mostrou Antonio José que lhe estava destinada a missão de Gil Vicente; mas, se a morte do primeiro athleta foi nas trevas, a d'este ha-de ser na fogueira.

No anno de 1734 casou Antonio José com sua prima Leonor Maria de Carvalho, que residia na Covilhã, e com quem tinha já relações amorosas, se dermos credito ás infames delações das testemunhas do seu processo, principalmente a uma tal Maria de Valença, que dizia haver ella abortado antes de casar. Antonio José continuou a viver no Bairro Occidental, e advogava no escriptorio de seu pae; é natural que a maior actividade que dedicou á composição dramatica levasse em vista augmentar os recursos de subsistencia. Com o receio da Inquisição, o

¹ Th. Braga, Historia do Theatro — Seculo XVIII, pag. 144.

poeta estava relacionado com pessoas de religiosidade conhecida e que dispunham de certa influencia; mas nada bastava para afastar-lhe a catastrophe que estava imminente sobre a cabeça. Além da má interpretação que os tonsurados davam ás suas comédias, o casamento com sua prima Leonor começou a dar azo a poderosas intrigas. Quando Leonor de Carvalho residia na Covilhã, na Fabrica real dos Pannos, era assentista ali Estevam Soares de Mendonça; tinha este um irmão seu correspondente em Lisboa, chamado Duarte Rebello, o qual por negocios ia com frequencia á Covilhã.

Duarte Rebello tentou debalde seduzil-a; pela primeira vez introduziu-se em casa de Leonor a pretexto de pedir um copo de agua, mas foi repellido com desaire; quando já se achava em Lisboa, Duarte Rebello fez novas tentativas mandando a torpe Maria de Valença persuadir a pobre Leonor para se amancebar com elle. Imagine-se o odio de Duarte Rebello, quando soube do casamento da sua prêza com Antonio José da Silva! Foi depois d'este tempo que começou a diffamação de Maria de Valença.

Duarte Rebello procurava vingar-se, e não lhe faltavam os meios, porque a Inquisição acceitava todas as delações, mesmo as dos filhos contra os paes. Demais, entre os nomes do pessoal da Inquisição n'este tempo, encontra-se um notario chamado Manuel Affonso Rebello. Não se sabe se teria parentesco com Duarte Rebello, mas este mesmo mysterio torna mais tenebrosa a catastrophe.¹ Antonio José construia as suas comédias á maneira hespanhola, modificada pelas innovações da alliança do dialogo e das *modinhas*; as suas comédias são geralmente divididas em duas partes, que modernamente equivalem a actos; sómente as *Variedades de Proteo*, e *Precipicio de Fuetonte* são divididas em tres partes, as *scenas* indicam se pelas mutações e equivalem ao que modernamente se chama quadros; a entrada e saída de personagens é indistincta e apenas notada por uma rubrica.

¹ Opinião do meu patricio e amigo capitão Jacintho Ignacio de Brito Rebello, que compulsou todo o processo de Antonio José, na Torre do Tombo, e me facultou os seus breves mas seguros extractos.

A segunda Comedia escripta por Antonio José intitula-se *Esopaida ou vida de Esopo*; sob o titulo se diz ter sido representada no Theatro do Bairro Alto de Lisboa, no mez de Abril de 1734. O poeta deu fórma dramatica ás aneddotas que fizeram rir a idade média nos poemas de Isopete e Dialogos de Marculfo; a graça está toda nos continuados equívocos e na desenvoltura com que as côrtes que imitaram as de Luiz XV se deliciaram. N'esta comedia encontra a Inquisição outro motivo para concentrar os seus odios contra o desprevenido dramaturgo; na *scena III* da segunda parte, ha uma satyra mordente ás Theses que se uzavam nos conventos, ás quaes ainda allude Diniz no Hyssope. O partido clerical não podia perdoar o ridiculo com que o poeta cobria a sua Escholastica.

As cabelleiras de todos os fradalhões, desembargadores e poetastros de todas as academias de Obscuros, Anonymos, Singulares, Generosos, Applicados, estremeceram, eriçaram-se ao vêr exposta ao ridiculo das gargalhadas da platêa do Bairro Alto a sabedoria que acobertavam com tanto respeito. O catafalco carunchoso da Escholastica da idade media levou aqui o primeiro solavanco, antes das renhidas polemicas de Verney. Antonio José deixou a nũ este ridiculo do seu seculo, mas foi este acto de heroicidade um dos que mais contribuíram para a sua morte.

.....

Ainda hoje se guardam em todas as Bibliothecas de Portugal um sem numero de manuscriptos com theses academicas como as propostas por Periandro e impugnadas por Esopo. Apoz esta seguiu-se a comedia intitulada *Encantos de Medéu* «que se representou no Theatro do Bairro Alto de Lisboa, no mez de Maio de 1735. Antonio José achara o gosto da platêa; parecia que lhe despontava na vida uma aurora de felicidade. Era a calma que precede a grande tormenta.

Nos *Encantos de Medéu*, o povo ri-se á custa de um rei ludibriado; os inquisidores não deixaram escapar esta circumstancia para terem pela sua parte o auxilio do *braço secular*. O mesmo chiste tirado das situações mais disparatadas e ridiculas, o mesmo desespero de ironias, a promptidão no improvisado de respostas picarescas como de um antigo *veterano* ou *pé-de-banco* de Coimbra, ainda a tradi-

ção do *Palito Metrico*, apparecem n'esta comedia, que simula uma carantonha na polé. As *modinhas* brasileiras converteram-se em *Arias*, e a companhia italiana da Praça da Trindade, protegida pela fidalguia portugueza, não deixaria de conspirar tambem contra este despreocupado trocista.

O publico achara o seu interprete em Antonio José; seguiu-se logo outra comedia, *Amphitryão ou Jupiter e Alcmena*, «que se representou no Theatro do Bairro Alto de Lisboa, no mez de Maio de 1736». O Jupiter que se transforma em Amphitryão, para gosar Alcmena, é o symbolo de Dom João V, entrando disfarçado no Convento de Odivelas, ou indo vestido de mendigo beliscar as fidalgas na penumbra da capella do Santissimo Sacramento. Antonio José via todos os pôdres do seu seculo; fez o mesmo que Molière na côrte do Jupiter Luiz XIV, mas faltava-lhe um protector que o defendesse contra a prepotencia dos Tarufos. Não tendo do seu lado mais do que a gargalhada popular, appella para a justiça da natureza, e põe na bocca do amphitryão ludibriado por um Deus estes versos, que alludem á sua primeira prisão no Santo Officio em 1726:

Sorte tyranna, estrella rigorosa,
Que maligna influis com luz opaca!
Rigor tão fero contra um innocente!
Que delicto fiz eu, para que sintas
O pezo d'esta asperrima cadeia
Nos horrores d'um carcere penoso,
Em cuja triste, lobrega morada
Habita a confusão e o susto mora?
Mas se acaso, tyranna, estrella impia,
E' culpa o não ter culpa, eu culpa tenho:
Mas se a culpa que tenho não é culpa,
Para que me usurpaes com impiedade
O credito, a esposa, e a liberdade?

Grito sublime, de quem pede justiça e não a encontra sobre a terra! Estes versos destoam do espirito jovial de toda a comedia; a alma do poeta cansou-se da violencia com que se forçava para fazer rir, e caiu na tristeza insondavel de quem prevê a desgraça que avança fatalmente.

No anno de 1736, perdera Antonio José seu infeliz pae, o advogado João Mendes da Silva, fallecido a 9 de Janeiro; em 1736 imprime a Glosa ao Soneto de Camões: «Alma minha gentil que te partiste,» e publica a comedia *Labyrintho de Creta*, em casa de Antonio Izidoro da Fonseca, mas sem declarar o seu nome; esta comedia foi representada no Theatro do Bairro Alto de Lisboa, em Novembro de 1736. Ainda n'este anno lhe nasceu o primeiro fructo do seu consorcio, uma filhinha chamada Lourença, que de mezes entrou para os carcereiros do Santo Officio; presa em 5 de Outubro de 1737, sua mulher Leonor de Carvalho teve um outro filho já na Inquisição, o que prova haver Lourença nascido no anno de 1736.

A comedia *Labyrintho de Creta*, como todas as outras operas de Antonio José, á excepção das *Guerras do Alecrim e da Mangerona*, era uma irreverencia contra a mythologia, que os poetas academicos tanto acatavam em suas odes, sonetos, e comparações metaphoricas. Depois de se vêr Jupiter ridiculo, Theseo ou Jason em cuéas, quem poderia tomar a serio estas personagens pavoneadas em versos endecasyllabos? A graça de Antonio José é o que vulgarmente se chama *pilheria*, característica do genio portuguez; faz rir pelo contraste, por ser uma reacção para o bom senso.

A Comedia *Guerra do Alecrim e Mangerona* «que se representou no Theatro do Bairro Alto de Lisboa no carnaval de 1737» é bordada sobre este quadro social; Costa e Silva, que estava em condições de recolher as tradições e noticias dos costumes do seculo XVIII, diz que na realidade existiam dois *ranchos* denominados do Alecrim e da Mangerona, que se formaram nos Passeios da sociedade elegante nos verões de Cintra.

A Comedia das *Guerras do Alecrim e Mangerona* representa os costumes da sociedade portugueza na primeira metade do seculo XVIII; foi isto a causa da sua popularidade.

N'esta Comedia Antonio José ridicularisa altamente os medicos empiricos, que mais curavam com textos latinos

do que com drogas; a escola da *Polyanthea* ou da *Atalaya da Vida* levou pela primeira vez um bom empurrão.

Antes de Molière, já o nosso Gil Vicente encetára a obra na farça dos Fysicos. Ouçamos Antonio José: *Semipupio* (fingindo de Medico) .. Ora diga-me, o que lhe doe? *Dom Tiburcio*: Tenho na barriga umas dores mui finas. *Semic*.: Logo as engrossaremos; e tem o ventre tumido, inchado e pullulante? *Dom Tib*.: Alguma cousa. *Semic*.: Vossa mercê é casado ou solteiro? *Dom Tib*.: Porquê, senhor Doutor? *Semic*.: Porque os signaes são de prenhe. *Dom Lançarote*: Não, senhor, que meu sobrinho é macho. *Semic*.: Dianteiro ou trazeiro? *Dom Lançarote*: Ui, senhor Doutor! Digo que meu sobrinho é varão. *Semic*.: De aço ou de ferro? *Dom Lançarote*: He homem, não me entende? *Semic*.: Ora acabe com isso; eis aqui como por falta de informação morrem os doentes; pois se eu não especulára com miudezas, entendendo que era macho lhe applicava uns cravos, e se fosse varão umas limas, e como já sei que he homem logo veremos o que se lhe ha de fazer. *Dom Lançarote*: Eis aqui como gosto de ver os Medicos, assim especulativos.

Os abusos da auctoridade judicial tambem se acham aqui verberados; Antonio José da Silva era um revolucionario como Beaumarchais; faltava-lhe a educação artistica, que suppria com a intuição da alma popular. Escrevendo para actores despreziveis, borrachos e sem escola, e para uma sociedade desmoralisada pela desenvoltura de Dom João V, muito fez elle em arrancar estes gritos de justiça por entre as facecias com que se acobertava. O publico estava acostumado ás comedias espectaculosas, queria tramoias, magicas, e maravilhas; Antonio José teve de abandonar a vereda da legitima comedia nacional, para escrever as *Variedades de Proteo*, «opera que se representou no Theatro do Bairro Alto de Lisboa, no mez de Maio de 1737». No decurso de Maio a Outubro d'este anno escreveu a sua ultima Opera, *Precipicio de Phaetonte*, quando repentinamente o Santo Officio o sepultou nos seus carcerees. Esta peça andava já talvez em ensaios porque só foi representada «no Theatro do Bairro Alto no mez de Janeiro de 1738». Ainda em 1737 publicou Antonio José em casa de Antonio Izidoro da Fonseca as duas

peça ^a *Guerras do Alecrim e Mangerona e Variedades de Proteo*, sem nome do autor.

O poeta tencionava publicar a collecção das suas obras como se vê pela Advertencia ao Leitor desapaixonado, que termina com duas decimas acroesticas, aonde vem o seu nome.

Varnhagem não achava prova para determinar as comedias que pertenciam a Antonio José, por este ter sempre conservado o anonymo; cabe ao sr. Innocencio da Silva a gloria de ter resolvido este problema pelo acrostico das seguintes decimas:

Amigo Leitor prudente,
Não critico rigoroso,
Te desejo, mas piedoso
Os meus defeitos consente:
Nome não busco excellente
—insigne entre os escriptores;
Os applausos inferiores
Lulgo a meu plectro bastante,
Os encomios relevantes
São para engenhos maiores.

Esta comica harmonia
Passatempo é douto e grave,
Honesto, alegre e suave,
Divertida a melodia:
Appollo que illustra o dia,
Soberano me reparte
—deias, fecundia e arte,
Leitor, para divertir-te,
Vontade para servir-te,
Vffecto para agradecer-te.

Como dissemos, andava Antonio José trabalhando na sua comedia *Precipicio de Phaetonte*, quando foi preso pela segunda vez nos carcerees do Santo Officio a 5 de Outubro de 1737, pelo Monteiro Mór Inquisidor Theotonio da Fonseca Souto Mayor. Sua mulher Leonor Maria de Carvalho foi presa no mesmo dia pelo familiar do Santo Officio o Conde de Athouguia. Lourença Coutinho, mãe de Antonio José, e viuva havia pouco mais de um anno, foi

presa pela terceira vez a 12 de Outubro do mesmo anno. O motivo d'esta prisão repentina de uma familia arremetida impunemente ás garras da voracidade e intolerancia religiosa foi devido á delação de uma escrava que Lourença Coutinho trouxera do Brazil, chamada Leonor Gomes. Talvez induzida pelos padres inquisidores para espiar a familia a quem servia, sendo de uma vez fustigada por sua ama aproveitou o ensejo para saciar a sua raiva. Leonor Gomes tambem foi encarcerada com a familia a quem servia, mas a sua estupidez ficou de tal forma atterrada com a escuridão da masmorra e lembrança da fogueira, que a miseravel negra morreu transida logo a 11 de Maio de 1738. Eis aí temos o desgraçado poeta, de trinta e tres annos de idade, perdido para sempre entre o fanatismo que se serve das intrigas e odios secretos para alimentar a sua sede de sangue. Seguro da innocencia, Antonio José mal suspeitava a sentença que o esperava; accusavam n'ò de Judaisante, e elle dava para testemunhas da sua religiosidade o Padre Antonio Coutinho, da Ordem de Sam Domingos, Frei Luiz de Sam Vicente Ferreira, da mesma Ordem, e Frei José da Camara, tambem dominicano! Abonava-se com o Padre Mestre Frei Diogo de Pantoya, da Ordem da Graça, com Bruno de Almeida, mestre de Cerimonias da Patriarchal, e irmão do antecedente, com o Dr. Jeronymo da Silva de Araujo, juiz de Fóra de Alter do Chão. Justificava-se com a ama de sua filha Lourença, com a sua preta, com o sapateiro que trabalhava na sua escada, com toda a vizinhança. Vejamos as grandes torturas Moraes que d'aqui até ao momento em que foi estrangulado lhe fizeram supportar os ministros do crucificado.

Em primeiro logar, deram lhe um companheiro de carcere para espiar os seus movimentos; chamava-se José Luiz de Azevedo, que veio habitar na mesma enxovia em Abril de 1738. Não existe o seu processo, d'onde se pôde logicamente inferir que era um supposto preso, que estava ali para o delatar no julgamento, como depois aconteceu. A 10 de Setembro foi José Luiz de Azevedo substituido por Bento Pereira, soldado de cavallaria dos Dragões de Beja, então aquartellados em Santarem, e pertencente á Companhia do Capitão Mathias Pinto. Bento Pereira serviu melhor os intentos da Inquisição com a soltura com que nas instancias denuncia conhecidos e desconhecidos,

proximos e remotos. O modo como servia a traição inquisitorial está na indulgencia com que este tribunal pouco compassivo o tratou, dando-lhe a liberdade no mesmo dia da morte de Antonio José.

A tudo isto accrescia o sua mulher Leonor de Carvalho, sob a pressão do terror, ter dado ao mundo na masmorra um segundo filho; sabe se d'esta circumstancia pelo seu processo. E' de crer a acção deprimente que estas cousas exerciam no animo de Antonio José; mas os espias, como o surprehendiam sem vontade de comer, d'isto mesmo tiravam motivo para o accusarem ao Tribunal Sanguinario. A testemunha n.º 20, Antonio Gomes Prego, declarou mysteriosamente que o Réo *era pallido*; mas não obstante, estava bem disposto e podia comer se quizesse. A testemunha 22, João Gomes da Costa, tambem fala da sua pallidez, mas, sem alma para presentir a origem d'ella, decia igualmente que o réo estava bem disposto. A delação dos Familiares do Santo Officio revela a dura espionagem a que o infeliz estava exposto; a 4.ª testemunha, o Familiar Antonio Gomes Esteves, diz que Antonio José resava as ave-marias de joelhos, e se benzia, e que ao acabar de comer tornava a benzer-se dando graças; a 6.ª testemunha, o Familiar Antonio Baptista, depoz o mesmo. A 8.ª testemunha omitta a circumstancia de dar graças depois da comida; a testemunha 10.ª, o Familiar Antonio Esteves Ribeiro, traz grandes motivos de criminalidade: diz que Antonio José pegou n'umas Horas e não leu, que deu graças com pouca demora, e não depois de comer! A testemunha 19.ª, Filippe Rodrigues, diz que o desgraçado estivera de joelhos virado para a porta do carcere, e beijara o chão por tres vezes. O infame soldado Bento Pereira, que estivera no mesmo carcere desde Setembro de 1738 até Fevereiro de 1739, não se peja de dizer que Antonio José jejuava judaicamente, que o incitara a não resar nas contas, que o acompanhava apenas só quando resava as ave-marias, que cuspiam n'algumas imagens que ha no carcere, e que não comia carne. Eis todos os crimes que o Santo Officio com o seu processo de traições secretas e impunes pôde apurar para justificar a degolação d'este homem.

Antonio José bem sabia a que torturas estavam tambem expostas sua mulher e sua velha mãe.

Leonor de Carvalho foi submettida a perguntas só no fim de quatro mezes de prisão. Desde 5 de Outubro de 1737 até 30 de Setembro de 1838, gemeu a pobre creatura nas trevas e humidade de um carcere, sem saber por que nem para que estava ali. Admoestada e perguntada, respondeu a tudo com uma negativa formal; interrogada novamente a 15 de Fevereiro de 1738, sustentou a negação, sendo por isso no libello declarada hereje, apostata, negativa, pertinaz, impenitente e relapsa!

Tudo crimes por não dar lenha para a queimarem. Foi posta a tormento corrido a 10 de Outubro de 1739; Lourença Coutinho também fôra submettida á tortura a 28 de Setembro d'este mesmo anno.

Os que por qualquer fatalidade caíam nos antros do Santo Officio nunca sabiam o dia em que eram sentenciados.

Antonio José, apesar da consciencia da sua pureza, presentiu a catastrophe; os amigos que lhe poderiam valer fiavam-se também na sua justiça.

Na tradição corre que o proprio D. João V se empenhou debalde para salvar o desgraçado. A Inquisição não podia deixar escapar-lhe a prêsa; os tonsurados lembravam-se da irrisão a que ficaram expostas as suas Theses academicas. Os commentarios de Aristoteles queriam uma nova victima. Isto comprehende-se quando se vê o esplendor dos ultimos restos do Aristotelismo no Collegio das Artes no seculo XVIII, a que hoje se chama, por causa da sua fecundidade unica na Europa, *Philosophia Conimbricense*.¹ No Auto de Fé celebrado na igreja de Sam Domingos de Lisboa, a 18 de Outubro de 1739, leu-se a Antonio José a sua sentença, em que a Inquisição o relaxa ao braço secular «pedindo com muita instancia se haja com elle benigna e piedosamente, e não proceda a pena de morte nem effusão de sangue.»

Tartufos miseraveis! Ao mesmo tempo que se acobertam com estas palavras unctuosas, amarram-lhe os braços, e dão para companheiro da ultima hora e para tratar da salvação da sua alma um jesuita chamado Padre Francisco Lopes. Quando o desgraçado poeta via que deixava no meio da catastrophe sua mulher, filhos e mãe, punham-lhe

¹ Franck, Dictionaire de Sciences philosophiques, V.º cit.

ao lado um phantasma a proferir como um automato banalidades frias e insulsas, a impedir-lhe o ultimo instante de realidade, e abafal-o com o pezádelo escuro, antes de cair no queimadeiro. Tinha razão o poeta pessimista que considerava o homem como lobo do homem.

Antonio José ouviu ler as sentenças de sua mulher e de sua mãe, que as condemnava a carcere a arbitrio. Em um documento impresso, citado pelo sr. Innocencio, que se intitula: *Lista das Pessoas que saíram condemnadas no Auto de Fé, que se celebrou na igreja do Convento de Sam Domingos de Lisboa, no domingo 18 de Outubro de 1739, sendo Inquisidor Geral Nuno da Cunha, se lê:*

«Pessoas relaxadas em carne:

«N.º 7. Idade 34 annos. Antonio José da Silva x. n.¹ advogado, natural do Rio de Janeiro, e morador n'esta cidade de Lisboa occidental, reconciliado que foi por culpas de Judaismo no Auto de Fé, que se celebrou na igreja do convento de Sam Domingos d'esta mesma cidade, em 31 de Outubro de 1726.

«Convicto, negativo e relapso.

«Pessoas que não abjuram nem levam habito:

«N.º 5. Annos de idade, 27. Leonor Maria de Carvalho, x. n. casada com Antonio José da Silva, advogado que vae na Lista, natural da villa da Covilhã, bispado da Guarda, e moradora n'esta cidade de Lisboa occidental, reconciliada que foi por culpa de Judaismo no Auto publico de Fé que se celebrou na igreja de S. Pedro da cidade de Valhadolid, reino de Castella, em 26 de Janeiro de 1727: presa segunda vez por relapsia das mesmas culpas. Pena: carcere a arbitrio.

«N.º 6. Annos de idade, 61. Lourença Coutinho, x. n. viuva de João Mendes da Silva, que foi advogado, natural da cidade do Rio de Janeiro e moradora n'esta cidade de Lisboa occidental, reconciliada que foi por culpa de Judaismo no Auto publico de Fé, que se celebrou no Rocio d'esta mesma cidade em 9 de Julho de 1713; presa terceira vez por relapsia das mesmas culpas. Pena: carcere a arbitrio.»²

Ainda em 1713 os Autos de Fé eram celebrados no

¹ x. n. quer dizer christão novo.

² Inn. Dicc. Bibl., t. I, p. 176.

Rocio, em Lisboa, hoje praça de D. Pedro; em 1726 faziam-se já as cerimoniaes de procissão, sermão, etc., na igreja de Sam Domingos, e os que eram entregues ao braço secular iam levados d'ali para o Terreiro da Lã, aonde estava a Forca. Antonio José foi condemnado por judaisante, mas não como judeu, sendo por esse motivo amarrado sobre um poste, degolado antes de se lançar fogo á lenha, e depois queimado. Bastava esta violação da natureza e da verdade para que a justiça eterna envolvesse a nova Babylonia no grande cataclysmo de 1755. Vejamos o lugubre ceremonial da Inquisição.

Para que se comprehenda melhor o que era o Santo Officio, transcrevemos das *Memorias historicas, politicas e litterarias* do Cavalheiro d'Oliveira estas curiosas paginas publicadas quatro annos depois da morte de Antonio José: «Os fidalgos, os mais considerados, fazem-se Officiaes da Inquisição sob o nome de *Familiares*. O seu cargo consiste em fazer a captura dos accusados.

«O respeito extremo que se tem aos Familiares e o terror que esta jurisdicção lança nos espiritos auctorisam tanto as prisões que um accusado se deixa ir preso sem dizer palavra, logo que um Familiar lhe pronuncia estas palavras:

«Da parte da Santa Inquisição.

«Nenhum visinho ousa murmurar. O proprio pae entrega os filhos, e o marido a mulher; e se acontece revoltar-se alguém, metteriam em logar do criminoso todos aquelles que se recusassem a prestar auxilio para evitar a sua evasão. Mettem cada um dos presos em um tenebroso carcere, aonde permanecem muitos mezes sem serem interrogados, e espera-se que elles proprios declarem os motivos da sua prisão e que sejam de si proprios accusadores, porque nunca os confrontam com as testemunhas. Desde logo todos os parentes do criminoso se vestem de lucto, e falam d'elle como de um homem morto: não se atrevem a solicitar perdão, nem mesmo a approximarem-se do carcere, tanto temem de ser suspeitos e envolvidos na mesma desgraça; chegando até a refugiarem se em paizes estrangeiros, porque cada qual teme ser tomado como cumplice.

«Quando não ha provas contra o accusado, mandam-n'o embora depois de uma longa prisão; mas elle perde a me-

lhor parte dos seus bens, que dispende com os gastos da Inquisição. O segredo de todo o processo é tão estritamente guardado que nunca se sabe o dia destinado para proferir a sentença. Faz-se o julgamento para todos os accusados uma vez por anno, em dia escolhido pelos Inquisidores. O arresto que ai se dá chama-se Auto de Fé, ou processo em materia de religião; segue-se immediatamente a execução dos culpados. Em Portugal levanta-se um grande palanque de carpinteria, que occupa quasi toda a praça pública, e que pode conter até tres mil pessoas. Arma-se um altar ricamente paramentado, e ao lado fazem-se assentos em forma de amphiteatro, para se assentarem os Familiares, e os accusados. Em frente está um pulpito bastante alto, d'onde um dos Inquisidores chama cada accusado um apoz outro, para ouvir a leitura dos crimes de que o accusam, e a condemnação que se lhe profere. Os presos que saem dos carceres para virem a este amphitheatro julgam do seu destino conforme os differentes habitos que lhes dão. Aquelles que trazem as vestes ordinarias, ficam quites por uma multa; os que teem um Sambenito, que é uma especie de corpete amarello sem mangas, com uma cruz vermelha de Santo André cosida por cima, teem garantida a vida, mas perdem a fazenda ou grande parte d'ella, que é confiscada em proveito da Casa Real, e para pagar as despezas da Inquisição. Aquelles a quem fazem vestir sobre o Sambenito uma quantidade de labaredas de serge vermelho cosido por cima, sem cruz alguma, são convencidos de relapsos, e de terem já obtido uma vez perdão, e são ameaçados de serem queimados em caso de reincidencia. Mas aquelles que além das chammas representadas sobre o seu Sambenito trazem o seu retrato cercado de figuras de diabos são votados á morte. Ha impunidade até duas vezes para aquelles que promettam renunciar ao judaismo, e que fielmente revelarem todos os cumplices; mas á terceira já não ha perdão. Como ecclesiasticos, os Inquisidores não dão sentenças de morte; redigem sómente um auto, que lêem aos accusados, aonde notam que, havendo o culpado sido convencido de um tal crime, a Santa Inquisição o entrega com dôr ao braço secular. Este auto passa para as mãos de sete juizes, que estão do lado esquerdo do altar, os quaes condemnam os criminosos a serem queimados depois de os degolarem, se é

que não são judeus; porque, sendo-o, então queimam-os vivos.

«A praça publica aonde se fazem esta especie de execuções chama-se o Rocio em Portugal. Fazem-se medas de achas com um póste no meio, aonde o criminoso se assenta e é degolado pelo executor, e depois queimado. A Irmandade da Misericordia está presente a este espectáculo, aonde concorre com uma bandeira seguida de muitos padres que conduzem o criminoso ao patibulo, e fazem rezas por elle.»¹

Em 1739 já se não faziam os Autos de Fé na praça do Rocio, mas no Campo da Lã, aonde estava armada a força publica.

O Cavalheiro de Oliveira continúa a curiosa relação do Auto de Fé, extraída da *Relação da Inquisição de Goa*: «Vestidos assim todos os criminosos, segundo as qualidades dos seus crimes, faz se uma procissão em uma igreja escolhida para esta cerimonia, e cada criminoso é acompanhado do seu padrinho, que vae a seu lado. Estes padrinhos são pessoas importantes, obrigadas a responder por aquelles que se lhes confiaram, e de os representar depois da cerimonia. Os criminosos vão na procissão uns adiante dos outros com um cirio na mão, com a cabeça descoberta e pés descalços.

«Os menos culpados são os primeiros, e os outros em seguida. Apoz os ultimos a quem perdôam a vida, leva-se um crucifixo, cuja face olha aquelles que os precedem, que vão ser executados. No dia seguinte ao da execução, leva-se para a igreja dos dominicanos os retratos d'aquelles que foram trucidados. Representa-se sómente a cabeça collocada sobre brazas, com o seu nome, patria, e qualidade de crime. Por baixo do retrato dos relapsos, escreve-se: Morreu queimado como hereje, relapso, etc.»

No processo de Antonio José, que se guarda desde 1821 na Torre do Tombo, se lê que era de mediana estatura, magro, alvo, trajava vestia parda. roupão azul e forrado de encarnado; o cabello era castanho escuro e curto. De sua mulher nada mais se sabe; a condemnação de carcere a arbitrio explica as sombras que envolvem o seu destino.

¹ *Mémoire historique, politique et littéraire, concernant le Portugal, par Mr. Le Chevalier d'Oliveyre, t. I, cap. XI, p. 288 a 293. Haie, 1743.*

Sua mãe sobreviveu-lhe apenas alguns mezes, morrendo de 61 annos de idade, como declara a *Lista* impressa, ou melhor, de 56 annos, como se deduz da confissão de Janeiro de 1713, em que declara ter n'este tempo 30 annos de idade.

Não se tornou mais a falar no nome de Antonio José da Silva; os livreiros reproduziram as suas comédias sempre anonymamente; Barbosa Machado, publicando a *Bibliotheca Lusitana* em 1759, não allude sequer vagamente ao assassinato de Antonio José.¹

Garção e Manuel de Figueiredo ao tentarem a reconstrucção do Theatro Nacional citam por vezes este nome, mas como simples tradição dramatica. O Bispo do Grão Pará, nas suas *Memorias*, approva o assassinato do poeta, e entende que as comédias que escreveu para o Bairro Alto deveriam de passar pela mesma incineração. Depois da morte de Antonio José, o Theatro do Bairro Alto perdeu o esplendor a que se elevára de 1733 a 1738; não tendo quem escrevesse, recorreu mais uma vez aos espectaculos dos Bonifrates.

No emtanto, o Theatro da rua dos Condes tornava-se o centro aonde convergia a aristocracia portugueza, atrahida pelas companhias italianas, e pelos escandalos amorosos de Dom João V com a Patronilla Trabó Basilli, que aí cantou em 1739 no *Velogeso*.

¹ *Bibl. Lus.*, t. IV, p. 41. No t. I, de 1741, passa por alto esta circumstancia.

Algumas obras que falam em ANTONIO JOSÉ
(O Judeu)

- THEOPHILO BRAGA — *Historia do Theatro Portuguez*, 3.º volume.
BARBOSA MACHADO — *Bibliotheca Lusitana*.
SISMONDI — *De la littérature du midi de l'Europe*.
JOÃO MANOEL PEREIRA DA SILVA — *Florilegio da Poezia Brasileira*.
FERDINAND DENIS — *Résumé de l'Histoire Littéraire du Portugal*.
JOSÉ MARIA DA COSTA E SILVA — *Ensaio bibliographico critico sobre os poetas portuguezes*.
VEGEZZI RUSCALLA — *Il Giudeo Portoghese*.
INNOCENCIO DA SILVA — *Diccionario Bibliographico*.
DR. JOAQUIM CAETANO FERNANDES PINHEIRO — *Estudo Biographico inserto na Revista Popular, do Rio de Janeiro*.
EPHREM VINCENT — *Comédies de Antonio José (le Juif)*.
SOUZA BASTOS — *Galeria do Artista*.
JOÃO SALGADO — *Bibliotheca do Povo e das Escolas*, vol. 120.
CAMILLO CASTELLO BRANCO — *O Judeu* (romance).
THEATRO COMICO PORTUGUEZ — (Collecção das operas portuguezas que se representaram no Theatro do Bairro Alto).
PORTUGUEZES ILLUSTRES.
ALMANAK DO REGISTO CIVIL — (1900 e 1902).